

# Educação a distância e mídia-educação na formação profissional

Maria Luiza Belloni

Todo pesquisador fala de um certo lugar, com uma certa perspectiva e um determinado ponto de vista. Toda neutralidade é ilusória. Minha perspectiva é a **educação das novas gerações**, meu ponto de vista pretende expressar o das crianças e dos adolescentes que venho estudando há mais de vinte anos.

## As novas gerações e as tecnologias de informação e comunicação <sup>1</sup>

Não se pode compreender o que está em jogo na educação a distância, que é uma **modalidade de oferta** e não uma **metodologia de ensino**, sem refletir sobre o campo mais amplo que é a **integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) aos processos educacionais**. Esta integração é condição *sine qua non* para que o ensino oferecido pelos sistemas esteja em sintonia com as características das populações jovens que se quer formar.

As profundas mudanças socioculturais e as incríveis mutações tecnológicas ocorridas ao longo do século XX exigem dos indivíduos do século XXI novas competências comunicacionais e novos modos de aquisição do saber (**aprender a aprender e re-aprender constantemente**).

As crianças chegam à escola com valores, habilidades e conhecimentos construídos no contato precoce com as tecnologias de informação e comunicação (TIC), frutos de **auto-aprendizagem, realizada interpares**, ou seja, entre elas, crianças; aprendizagens realizadas **fora da**

---

<sup>1</sup> TIC : definição sempre provisória : a rigor os tambores africanos ou os sinais de fumaça são tecnologias de informação e comunicação, como o livro e o jornal. Hoje considera-se como "tecnologias de informação e comunicação" as seguintes mídias: televisão e suas variantes (videocassete, DVD, antena aberta, por assinatura); jogos de vídeo e de computador (videogames); máquinas fotográficas e filmadoras de vídeo; ipods, MP3; telefones celulares; e redes telemáticas. Quando dizemos "mídias de massa" nos referimos principalmente à televisão e ao rádio.

**escola e à sua revelia**, em casa, na família para as crianças mais favorecidas; nos cibercafés e lanhouses (e às vezes na escola), para aquelas crianças e adolescentes que não têm acesso domiciliar a estas máquinas maravilhosas. Tais aprendizagens ocorrem espontaneamente sem nenhuma **mídia-educação que oriente e canalize tal potencial cognitivo para as aprendizagens escolares e socializadoras**.

Estes novos modos de perceber o mundo e de aprender, estas auto-aprendizagens espontâneas e seus métodos (*autodidaxia e colaboração*, por exemplo), são praticamente desconhecidos dos professores, cuja formação inicial ignora as tecnologias, gerando dificuldades de comunicação entre aprendentes e docentes em todos níveis de ensino.

As culturas jovens de hoje são caracterizadas pela vertiginosa evolução técnica que está na origem da **cultura audiovisual e digital** que tomou conta do planeta no século XX. Antes de serem **nativos digitais** os seres humanos foram e ainda são **nativos audiovisuais**. Característica fundamental da cultura contemporânea, o audiovisual é uma **nova linguagem** absolutamente naturalizada para os nativos, ou seja, quase todos nós, especialmente os mais jovens.<sup>2</sup>

A grande revolução do século XXI, é a passagem da comunicação de massa (onde somos simples espectadores) à **comunicação interativa** (onde podemos ser **produtores de mensagens**). As culturas jovens de hoje são fruto destas convergências técnicas, entre TIC digitais, cultura audiovisual e telecomunicações: a televisão criou uma cultura planetária e a internet recolocou em pauta a escrita como meio de comunicação dos jovens nas redes sociais, associada às imagens (de si e dos “amigos” virtuais).

Para que a sociedade da informação, ou do conhecimento, seja uma sociedade plural, inclusiva e participativa, é necessário oferecer a todos os cidadãos, principalmente aos jovens, oportunidades de desenvolver as

---

<sup>2</sup> Não temos tempo para abordar os conteúdos das mídias (violência, sexualidade...), mas, sobre a violência, me permito deixar duas questões no ar: por que as crianças gostam tanto de cenas de violência? Por que tantos filmes de terror? E seu corolário lógico: não há nenhuma relação entre violência virtual e real, envolvendo adolescentes cada vez mais jovens?

competências necessárias para : compreender a informação ; ter o distanciamento necessário à análise crítica ; saber buscar, selecionar, utilizar e tornar-se produtores de todo tipo de informações e de mensagens. Integrar as TIC aos processos educacionais, de modo crítico e criativo, é portanto fundamental porque vivemos num mundo onde as mídias estão onipresentes, sendo preciso considerar sua importância na vida social, particularmente no que diz respeito aos jovens, que não têm mais tempo livre. Esta é a perspectiva da *mídia educação*, ainda ausente das escolas brasileiras, pois no Brasil esta abordagem é praticamente desconhecida, não havendo nenhuma *política de mídia-educação*, como existe em muitos países (por exemplo, Austrália, países escandinavos, e mesmo na Argentina há um Departamento de Mídia-Educação no Ministério). Embora muitas associações, universidades, movimentos sociais e ONG desenvolvam ótimas experiências de mídia-educação, na escola pública brasileira predomina a ideia de « inclusão digital » (sinônimo de acessibilidade) e de aulas de informática, numa perspectiva que privilegia a inovação técnica e ignora a inovação pedagógica, ou é tão tecnicista que considera que a primeira inclui a segunda.

Isto não surpreende, porque tudo é precário na educação brasileira, que está longe de alcançar índices aceitáveis pelos padrões internacionais. E não somente a educação : ainda hoje, a sociedade brasileira confronta-se com grandes desafios para ampliar o acesso aos direitos sociais básicos como saúde, educação, habitação e cultura (nossa cultura popular é determinada por mídias de massa da pior qualidade). Os processos de oferta, regulação e regulamentação dos serviços públicos são ainda muito frágeis e é enorme a distância entre a legislação, as políticas públicas propostas e as ações e programas (e financiamento consequente) para sua implementação.

Educação integral em tempo integral, na escola básica, e um ensino superior de qualidade ; aberto à inovação e às demandas sociais são provavelmente os melhores caminhos para desenvolver plenamente o jovem brasileiro, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o

para o trabalho, sem perder de vista as grandes finalidades da educação : paz (não violência), solidariedade e preservação do meio-ambiente. Nosso grupo de pesquisa tem uma proposta de inovação pedagógica para esta nova escola básica integral: « **Artes e Mídias** como eixos metodológicos para integração curricular ».

### **Educação a Distância na formação das novas gerações**

Entre estes desafios está a ampliação da oferta de ensino básico e superior e de formação profissional de qualidade, não apenas para preparar os jovens para a vida ativa e para o mercado de trabalho, mas também para formar cidadãos, capazes de intervir efetivamente no espaço público, melhorando assim os índices de desenvolvimento social de nosso país.

Como trabalhador e como cidadão, o jovem precisa apropriar-se crítica e criativamente das TIC como meios de informação e de expressão. Ser cidadão hoje exige conhecer o que está em jogo e “**empoderar-se**” para **participar** das decisões científicas e tecnológicas que interferem e determinam nossas condições de vida: estar consciente das vantagens e dos riscos trazidos pelas inovações técnicas e saber porque escolher este ou aquele projeto político<sup>3</sup>. Os jovens formados com estes objetivos estarão preparados para ser estudantes autônomos a distância. Ser estudante a distância exige uma cultura escolar que nem todos jovens brasileiros têm.

A *educação a distância* (EaD) surge como uma nova solução, não apenas por responder às demandas quantitativas de democratização do acesso ao ensino superior, mas, do ponto de vista qualitativo, metodológico, por favorecer a integração das TIC à educação em todos os níveis, possibilitando que os sistemas educacionais ofereçam um ensino mais

---

<sup>3</sup> Segundo Vivienne Reding, da Comissão Europeia, “a mídia-educação é hoje tão necessária ao exercício completo de uma cidadania ativa, quanto era, no início do século 19, o domínio da leitura e da escrita” (<[www.euromedialiteracy.eu](http://www.euromedialiteracy.eu)>).

sintonizado com as culturas das novas gerações e com as demandas da sociedade.

Educação a distância é uma modalidade de oferta de ensino e um meio de acesso à informação e à formação geral ou profissional, para aqueles que não podem frequentar, presencialmente, um curso universitário ou de formação continuada. A característica principal que a define – a **separação física, no tempo e no espaço, entre professores e estudantes** – exige o uso intensivo de tecnologias, auto-aprendizagem e autonomia do estudante; exige também trabalho coletivo dos diferentes profissionais envolvidos no processo (« professor coletivo », « polidocência »).

Por longo tempo considerada como solução paliativa, rejeitada pela maioria dos professores das grandes universidades públicas e denunciada por movimentos de estudantes e professores como uma oferta de ensino de baixa qualidade, a educação a distância aparece agora como caminho incontornável não apenas para a ampliação rápida do acesso ao ensino superior, mas também e *principalmente*, como uma nova solução para a melhoria da qualidade deste ensino, no sentido de adequá-lo às exigências e características dos jovens estudantes do século XXI. *Principalmente* porque experiências de ensino a distância propiciam o desenvolvimento de novos modos de ensinar, utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TIC), estimulando as universidades a modernizarem seus métodos de ensino e exigindo dos professores que assumam novas e diferentes tarefas.

Estas vantagens são ainda mais importantes na formação de professores da educação básica, e de educadores em geral, como por exemplo, muitos assistentes sociais que trabalham com jovens. Isto porque a integração das TIC à formação profissional (numa perspectiva de *mídia-educação*, ou seja, de formação de usuários criativos, críticos e competentes) é uma forma efetiva de melhorar a comunicação entre adultos e jovens. Esta comunicação, esta sintonia, é condição para um ensino qualidade em todos os níveis, e a presença das TIC na escola contribui para que a escola pública possa cumprir sua missão de compensar

as desigualdades sociais especialmente graves no acesso a estas novas tecnologias.

Em geral nos países pobres, a educação a distância tem funções emergenciais ou corresponde a políticas de expansão, tentativas de resolver problemas estruturais, rapidamente e a baixo custo, o que é uma ilusão, pois EaD com qualidade, para ter eficácia, exige investimentos significativos. Um dos usos mais bem sucedidos de dispositivos de educação a distância são as campanhas educativas de grande abrangência, utilizando meios de comunicação de massa (televisão, rádio, out doors) que, em geral, têm grande eficácia, quando bem feitas (p.ex. prevenção de doenças, antitabagismo do MS, anos 80).

Do ponto de vista institucional, o melhor caminho para que a educação a distância venha a contribuir para a expansão do acesso à educação superior de qualidade é ser implementada de modo integrado ao ensino presencial, nas universidades. Os marcos legais promulgados até agora no Brasil apontam para esta direção, buscando integrar o ensino a distância à missão das grandes universidades públicas e privadas, como propõe o modelo da UAB (Universidade Aberta do Brasil).

No entanto, as políticas públicas e os investimentos não estão acompanhando as necessidades de ampliação dos quadros docentes das universidades, de instalação e equipamentos dos polos avançados que permitem que os estudantes tenham acesso aos ambientes virtuais de aprendizagem e a outros materiais, de recrutamento e formação dos diversos profissionais necessários à produção dos cursos (materiais, AVA, teleconferências, etc) e ao atendimento do estudantes (tutores e monitores).

Será preciso ainda avançar muito na discussão sobre o tema e passar a um outro patamar na implementação das ações: experiências de educação a distância só trarão os benefícios apontados acima se obedecerem a critérios estritos de **acessibilidade** e **qualidade**. A oferta de ensino a distância não pode ficar confinada a experiências paliativas, a instituições privadas de qualidade e prestígio incertos ou a grupos restritos nas grandes universidades, onde aulas de EaD não contam na carga

horária, sendo um trabalho extra, mal remunerado, do já sobrecarregado professor universitário.

Para cumprir sua missão de expansão do ensino superior, a UAB tem que deixar de ser um programa de governo para se transformar em política de estado, ganhando espaço e importância no seio das grandes universidades brasileiras, o que ainda está muito longe de ocorrer.

As tendências mais fortes no mundo de hoje indicam uma convergência das duas modalidades de ensino (presencial e a distância) e sinergias positivas entre elas, com vantagens para ambas: o ensino convencional se beneficiaria com as inovações trazidas pela EaD e o ensino a distância seria beneficiado pela longa experiência científica e docente das universidades, especialmente as públicas, assegurando a qualidade acadêmica. Em contextos que podem parecer futuristas, mas que já existem em zonas de alta tecnologia situadas em países ricos, esta convergência dos paradigmas presencial e a distância, possível graças a usos adequados e intensivos das TIC, já tem dado resultados positivos

No Brasil, para que tais sinergias e convergências ocorram, é indispensável que as políticas públicas assegurem os meios de implementação desta oferta, incorporada às atividades regulares do ensino superior, nas universidades. Tal integração permitiria promover a *convergência dos paradigmas presencial e a distância*, exigindo também que os diferentes grupos responsáveis pelo ensino superior, principalmente os professores, assumam a responsabilidade de mudar suas práticas no sentido de nelas incorporar as TIC e construir oportunidades de aprendizagem aberta e autônoma, desejáveis e mesmo indispensáveis para a formação plena das novas gerações.

Quanto à *acessibilidade*, cabe lembrar que, longe de minimizá-las, as transformações sociais, especialmente as decorrentes do progresso técnico no campo das telecomunicações e da informática, tendem a agravar as desigualdades sociais e regionais, criando assim novas demandas de educação compensatória. Em nossas sociedades contemporâneas, onde a

importância das redes telemáticas e da realidade virtual é cada vez maior, a educação deve mais do que nunca ser efetivamente **para todos** (e não apenas para os jovens; e não somente para os mais favorecidos) e deve fazer um uso intensivo das TIC, numa perspectiva humanista de educação para o desenvolvimento, para a solidariedade e para a cidadania. Isto exige o acesso de todos a todas as mídias digitais e interativas.

Quanto à *qualidade*, cabe lembrar que em países como o Brasil, onde as desigualdades sociais (inclusive a "exclusão digital"), a baixa cidadania, a precariedade dos sistemas de educação são ainda muito graves, a qualidade da educação deve ser definida, em primeiro lugar, pela capacidade de os sistemas e programas educacionais contribuírem para preencher as lacunas e compensar as desigualdades, o que significa estar de acordo com as demandas da população.

Mais do que na modalidade presencial, na educação a distância a qualidade depende da perspectiva da mídia-educação, que assegura a qualidade dos dispositivos e prepara o estudante para tirar as melhores vantagens das TIC e da interação com os professores e entre colegas.

Na ótica da *qualidade*, parece pois essencial deslocar a discussão da "*modalidade*" para o "*método*", isto é, dos modos de organização da oferta de ensino para as formas de ensinar e aprender usando estes novos artefatos técnicos, como meios de assegurar uma melhor qualidade do ensino oferecido. Nesta perspectiva, deve-se entender a EaD a partir de uma perspectiva mais ampla, que trata da integração das TIC aos processos de ensino e de aprendizagem. A **mídia-educação constitui um método** para realizar tal integração, de modo crítico e criativo e não meramente instrumental, à escola em todos seus níveis. Não se trata apenas de instrumentalizar o professor para usar TIC, mas de prepará-lo para formar cidadãos capazes de ser usuários competentes, críticos, criativos e participativos, a começar pelo próprio professor.

Educação a distância é mais difícil e mais cara do que a presencial. O uso intensivo de TIC exige novas metodologias, maior complexidade do

trabalho do professor (professo coletivo), mais planejamento, mais tempo de preparação. Por isto só é interessante se realizada em grande escala, para muitos alunos.

A qualidade dos cursos EaD decorre dos modos de organização e produção da oferta desta modalidade. Temos hoje no Brasil fundamentalmente dois modelos institucionais de oferta :

- **público**, no âmbito das grandes universidades através do programa UAB que atende principalmente às necessidades de formação de professores para as redes públicas do ensino básico;
- **privado**, com uma diversidade muito grande de instituições e produtos de qualidade muito diversa que atendem aos setores mais lucrativos do mercado da formação profissional continuada e em nível de pós-graduação.

Do ponto de vista das metodologias, modelos industriais de organização (« fordistas »), produção em grande escala, abordagens tecnicistas (e não mídia-educativas) presidem ainda a produção dos cursos fechados, ambientes de aprendizagem pouco interativos, que reproduzem o modelo de transmissão da sala de aula convencional e a cultura do impresso.

No setor privado, a lógica comercial vai aos poucos adequando a produção às demandas e características dos públicos, numa ótica de diversificação (« *customização* ») da oferta e flexibilidade dos cursos. No setor público, a UAB ainda não alcançou legitimidade e não está integrada nas estruturas das universidades, funcionando de modo marginal, como programa emergencial, sem recursos assegurados, sem carga horária para professores, com sobretabalho nas horas extra, etc ; tudo isto pondo em perigo a qualidade.

De outro lado, os estudantes de educação a distância, principalmente na formação inicial, tendem a vir da escola pública, a pertencer às classes populares e a ter pouco ou nenhum capital cultural. Considerando a baixa qualidade da escola básica, especialmente a pública, e a indigência

cultural promovida pelas mídias de massa, podemos concluir que a clientela preferencial da educação a distância no Brasil não tem a cultura escolar e geral indispensável à auto-aprendizagem, nem a capacidade de gerir seu próprio processo de aprendizagem, condições necessárias para o sucesso nesta modalidade.

Neste contexto de dificuldades, podemos vislumbrar possíveis cenários de mudança : integrar as TIC e mais artes na escola básica (de turno integral) e nos sistemas de ensino em geral, a começar pelo ensino superior e pela formação de professores e educadores para o ensino básico. Tais vetores de melhoria da qualidade permitirão criar uma cultura escolar de auto-aprendizagem que prepare os jovens para o trabalho e a cidadania na sociedade altamente tecnificada do século XXI.

A EaD realizada com a perspectiva da mídia-educação, tal como está sendo ensaiada no LANTEC/CED/UFSC, poderá vir a ser uma importante contribuição para estas melhorias, desde que tais iniciativas contem com políticas públicas consequentes de institucionalização e financiamento.

## Referências

BELLONI, M.L. *Crianças e Mídias no Brasil: Cenários de Mudança*. São Paulo: Papirus, 2010.

BELLONI, M.L. *O que é Sociologia da Infância*. Campinas: Autores Associados, 2009.

BELLONI, M.L. *O que é Mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001 (3ª edição em 2008). Coleção Polêmicas de nosso tempo.

BELLONI, M.L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999 (6ª edição em 2007). Coleção educação contemporânea.

BELLONI, M.L. *Ensaio sobre a educação a distância no Brasil*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 78, p. 117-142, abril 2002.

BELLONI, M.L. & GOMES, Nilza. *Infâncias, Mídias e Aprendizagem: autodidaxia e colaboração*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 104, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

BÉVORT, E. & BELLONI, M.L. *Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set/dez. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

BEVORT, E. – *La educación en medios en Francia: difícil consolidación, perspectivas futuras*. Revista Comunicar, nº28, Huelva, 2007.

BEVORT, E. & BRÉDA, I. – *Les jeunes et l'Internet*. Paris, CLEMI, 2001.

FEILITZEN, C. Von & CARLSSON, U. (orgs.) – *A criança e a mídia: imagem, educação,*

participação. Brasília, Unesco/Cortez Ed., 2002.

GONNET, J. – *Educação e mídias*. São Paulo, Loyola, 2004 (trad.bras.).

UNESCO – *L'Education aux Médias*. Paris, Unesco, 1984.

UNESCO – *L'Education aux Médias*. Actes e synthèse do Seminário Euro-mediterrâneo. Paris, 2005.

UNESCO – *L'Education aux Médias*. Actes, synthèse et recommandations do Encontro Internacional de Paris, 2007.

UNESCO – International Conference *Educating for the Media and Digital Age*. Vienna, 1999 .